O MAR COMO ELEMENTO NOSTÁLGICO: ENTRE AS BARCAROLAS E DORIVAL CAYMMI

Sandra Regina Silva Maia
sararegina1@hotmail.com

Veralúcia Meneses Santana
Veralucia.santana@hotmail.com

Adna Nascimento Alves Santos
adnaja@gmail.com.br

Antonia Maria Nunes (Orientadora)
Mestre em Comunicação e Semiótica: literatura pela PUC - São Paulo, Professora de Teoria Literária do curso de Letras da Universidade Tiradentes – UNIT/SE.
nianunes@yahoo.com.br

RESUMO:

A relação do homem com o mar é marcada pela contradição de sentimentos e impressões que este elemento natural desperta. A literatura universal sempre retratou tal relação, não apenas como registro de fatos, mas como expressão poética das reações do homem frente às sensações de real e imaginário, concreto e maravilhoso, mítico e nostálgico que o mar propicia. De tudo, privilegia-se neste estudo o elemento nostálgico, sendo o mesmo vivenciado e expresso de diferentes formas pelos poetas portugueses e brasileiros: Partidas e chegadas; dor e saudade; aventura e sobrevivência; vida e morte; espera e angústia são sentimentos que se cruzam nestes versos e que resultam nessa intensa e, às vezes doce, nostalgia. Em síntese, este artigo tem como objetivo confrontar a poesia trovadoresca portuguesa com as composições musicais de Dorival Caymmi, tendo como ponto de encontro o mar e os sentimentos por este provocados na alma humana.

PALAVRAS-chave: Mar – Nostalgia – Saudade – Barcarolas – CAYMMI.

ABSTRACT:

The relation of man with the sea is marked by the contradiction of feelings and the impressions that this natural element causes. Universal literature has always presented such relation, not only as a register of facts, but as a poetical expression of the reactions of man facing the sensations of real and imaginary, concrete and wonderful, mythical and nostalgic environment that the sea creates. Above all, the nostalgic element is privileged in this study, being the same one lived and expressed of different forms by the Portuguese and Brazilians: Departures and arrivals; pain and homesickness; adventure and survival; life and death; wait and anguish; are feelings that appear in these verses and that result in this intense and, sometimes tender, nostalgia. In synthesis, this article has as objective to collate the Portuguese troubadour poetry with the musical compositions of Dorival Caymmi, having as a meeting point the sea and the feelings that it provokes in the soul of the human being.

KEYWORDS: Sea - Nostalgia - Homesickess - Barcarolas - CAYMMI.

O MAR COMO ELEMENTO NOSTÁLGICO:
ENTRE AS BARCAROLAS E DORIVAL CAYMMI.

1. INTRODUÇÃO

O que diferencia um espaço natural banal de um ambiente incomum? A resposta está no modo diferenciado como os feitos e fatos oriundos deste espaço se fazem conhecer. Os de um ambiente natural comum se inscrevem num mundo de caráter eminentemente prático; os de um ambiente incomum num mundo real, mas, ao mesmo tempo, transcendental, simbólico. É esta a grande diferença que faz de um ambiente como o mar, um espaço físico distinto e excepcional.

De todas as forças da natureza, certamente o mar é o elemento que causa maior fascínio no ser humano. Esse fascínio é expresso ora através do medo, assombro, mistério, ora através da magia, da sedução, da angústia ou da saudade. O certo é que nenhum indivíduo fica inerte e insensível, construindo muitas vezes uma visão mítica do mar num processo de fértil imaginação e encantamento.

Desde a antiguidade os mitos da água sempre povoaram o pensamento popular. Contemplando os oceanos como espaço do desconhecido, os desejos de exploração, ultrapassagem de limites e de liberdade misturam-se aos temores, à criação de entes fantásticos e às diversas sensações que são evocadas: Medo, curiosidade, aventura, mistério ou saudade... Todas provocadas pela simples fixação do olhar humano frente às águas profundas do mar.

Simbolicamente o mar sempre representou vida e morte. “O ininterrupto movimento das águas pode representar o sentido transitório da existência ou a convulsão dos sentimentos e paixões em que se debatem e naufragam os corações humanos.” (MARTINS, 1972). As águas dos oceanos também fecundaram os mitos literários: Na antiguidade clássica inspirou o mito de Caronte, transportando na sua barca os mortos que fariam a travessia final; o mito de Ofélia, flutuando doce e fatalmente à flor das águas; ou o mito de Narciso, encantado com sua beleza refletida.

A literatura em todas as épocas sempre manteve um diálogo estreito e profundo com os oceanos, desdobrado em muitos aspectos: cânticos heróicos, mística religiosa, simbologia, interpretação nacionalista, imagem do infinito, e, principalmente, imagem da nostalgia. É a nostalgia que se percebe há muito, na literatura, que desperta o nosso interesse.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo confrontar a poesia trovadoresca portuguesa com as composições musicais de Dorival Caymmi, tendo como ponto de encontro o mar e os sentimentos provocados por este na alma humana.

2.0 NOSTALGIA NO MAR LUSITANO

A visão que os europeus tinham do mar no período medieval ainda era envolvida pelos mitos, simbolismos e mistérios que contribuíram para alimentar o afastamento e o medo de determinadas culturas, do espaço marítimo. Para muitos povos o mar era tenebroso.

O povo português, mesmo diante de tais crenças, via no mar a porta de entrada e saída de seus sonhos e conquistas. Sobretudo a partir do século XII quando as navegações começam a ganhar impulso econômico, as viagens marítimas em busca de novas terras passam a ser o caminho mais viável para o desenvolvimento científico e cultural. A exploração dos oceanos e a possibilidade de independência econômica superam o medo e as apreensões de enfrentamento do desconhecido. Apesar dos mistérios e superstições, o sopro do mar convida os portugueses a navegá-lo em busca de aventura e glória.

Como conseqüência dessa relação estreita de Portugal com os oceanos, a temática marinha inspirou historiadores, pesquisadores, músicos e principalmente poetas a exercitar o imaginário como mimese do real. A longa permanência dos lusitanos nesse espaço natural se fez presente na literatura nacional. A produção escrita é salpicada de mar, cheira a maresia, sintetizando muitas das características da identidade, do modo de "ser" português.

Como afirma Massaud Moisés (2005), a posição geográfica desse país, limitando-se com o oceano Atlântico tanto ao sul como ao oeste, fez com que a história dos portugueses fosse como que empurrada contra o mar. Vem daí a literatura rica em lirismo poético.

"Diante da angústia geográfica, o escritor português opta pela fuga ou pelo apego a terra. A fuga dá-se pelo mar, o desconhecido, fonte de riquezas algumas vezes, de males quase sempre e de inquietante emoção." (MOISÉS, 2005: p.13). É justamente essa fuga, esse afastamento da

terra, seu espaço natural, e o deslocamento, a apropriação do mar, que inspira o povo lusitano a um diálogo saudosista com os oceanos. Foi nas areias da praia, nas calçadas do porto, e na beira do cais, onde ocorriam as despedidas, que o português pouco a pouco construiu e compreendeu o significado da palavra saudade que lhe é tão próprio, peculiar.

> "Nós somos, na verdade, o único povo que pode dizer que na sua língua existe uma palavra intraduzível nos outros idiomas, a qual encerra todo o sentido da sua alma coletiva. A alma lusitana concentrou-se na palavra saudade, e nela existe e vive, como na pequena gota do orvalho a imagem do Sol imenso". (PASCOAES, 1998: p.15)

Uma história feita de partidas e separações justifica o sentimento da saudade. "Se partir se verificou emergência da localização geográfica portuguesa; a saudade é o sentimento emergente dessa partida e dessa ausência..." (PASCOAES, 1998: p.15). E é nesta realidade que se traça o perfil da nação lusitana: da dialética do partir e do ficar nasceu o sentimento genuíno da alma portuguesa, a atitude que lhe traça o espírito inquieto. É a saudade da terra quando dela se afasta, e o desejo de estar perto do mar, quando deste se ausenta. A Pátria habituou-se a dizer adeus! E a esperar… Olhar o mar, causa de qualquer modo no Português, nostalgia.

A nostalgia é o sentimento consciente de um deslocamento e a constante ansiedade de um retorno. Não é apenas a constatação de uma saudade indeterminada. Longe disto, no processo nostálgico o indivíduo tem a exata noção do que perdeu. . É um sentimento que conduz à paralisia, à fixidez do olhar no ponto da perda, e, portanto, ao passado. É um estado de inação que impede o olhar saudável ao presente e entorpece o movimento para o futuro.

A perda de algo ou de alguém se dá pelo plano do afastamento de tempo e de espaço. É a separação de um objeto referencial, catexial como disse Freud (1915) em seu ensaio intitulado Luto e Melancolia. Segundo o estudo, todo ser humano desenvolve desde cedo a catexia objetal, ligação da libido a um objeto amado que pode ser um ente querido, um objeto material ou um

ambiente físico, como por exemplo, a terra natal. Ao longo da existência, pode ocorrer a qualquer pessoa a perda desse objeto, o que consequentemente provoca no indivíduo a diminuição do ego. Essa ausência do ego causa ao que perdeu um estado de letargia, paralisia emocional, melancolia.

Como foi anteriormente citado, a nostalgia que é o processo inicial do estado melancólico vem como reação à perda do "objeto" amado; e a passagem por onde se deu essa perda terá sempre ligação direta no processo de expectativa de uma reconquista. É neste ponto que é necessário retomar a questão do mar. Visto pelos sujeitos apartados como o caminho de tal afastamento, o espaço marinho torna-se elemento dialógico e nostálgico porque é o elo, a passagem por onde o objeto amado se afastou e, por isso, o alvo da esperança de um reencontro.

Camilo Pessanha, poeta português que também construiu versos tendo o mar como temática, afirmava que "toda poesia é, em certo sentido, bucolismo, provocado pelo afastamento de seu lugar e origem" (PESSANHA, 1924).

A partir desta relação que Pessanha faz chega-se à reflexão de que a inspiração poética não se dá apenas pela contemplação e encantamento com o que é natural, mas com a origem, com a raiz espacial, ou seja, "a poesia é bucolismo determinado como experiência do lugar de origem." (FRANCHETTI, 2001: p.28). Volta-se à questão da nostalgia e o que então melhor a caracteriza, ou seja, a idéia de retorno, o desejo de encontrar um espaço de origem, o desejo de reencontrar a terra natal.

A nostalgia sendo uma reação à perda, se manifesta no poeta como "motor da imaginação, que se torna instrumento de potencialização dos afetos em direção à recriação do bem ausente." (FRANCHETTI, 2001: p. 32). No caso da poesia portuguesa, esse processo nostálgico é o reflexo das navegações marítimas, da exploração de outros lugares desconhecidos, da fuga, do distanciamento que tem no mar, a porta de ida e, portanto, a ansiedade do retorno.

Não há grande poeta português - diz Teixeira de Pascoaes - que não viva dramaticamente esta Saudade. “É ela a dolorosa essência metafísica da nossa autêntica literatura, incluindo a poesia popular” (PASCOAES, 1998: p.16).

Foi com o Trovadorismo que essa relação teve início. Os poetas trovadorescos e palacianos descobriram o mar bem antes dos navegadores quinhentistas. A arte de trovar classifica os poemas contidos nos *Cancioneiros* em três grandes grupos: as cantigas de amor, cantigas de amigo e as cantigas de mal dizer e escárnio. É no grupo das cantigas de amigo, especificamente as barcarolas que se concentram os textos onde o salpisco marinho se fazia presente na linguagem lírica, ainda expressa em galego-português.

Acompanhadas por instrumentos musicais, as barcarolas apresentam o mar como elemento dialógico, o protagonista ouvinte, o espaço natural escolhido pela mulher para suas falas de lamentação, angústia, sofrimento, e, principalmente, saudades do amado que partiu pelos oceanos por motivos diversos... Guerras, conquistas de território, trabalho mercantil, pesca, ou exílio.

Entre os poetas cujos nomes e composições nos foram transmitidos pelos *Cancioneiros da Vaticana* e *Colocci-Brancuti* figura Martim Codax com sete cantigas, que ali têm respectivamente os números 884 a 890 e 1278 a 1284. Entre tais textos destacam-se alguns que são exemplo da poesia trovadoresca classificada como barcarola. *Mar de Vigo* é uma destas cantigas:

Ondas do mar de Vigo
se vistes meu amigo!
e ai Deus se verrá cedo.
Ondas do mar levado
se viste meu amado!
e ai Deus se verrá cedo!
Se vistes meu amigo,
o por que eu sospiro!
e ai, Deus se verrá cedo!
Se vistes meu amado,

por que hei gram cuidado!
e ai, Deus, se verrá cedo!
(CODAX, séc. XIII)

O texto apresenta algumas características que são pertinentes à cantiga de amigo: Estrutura de repetição, ou como é mais conhecido o paralelismo, constituído de versos composto de duas partes, uma variável e outra não. Assim, a unidade não é o verso, mas a seqüência constituída por dois pares de versos, ou dísticos.

A cantiga apresenta-nos uma mulher, certamente nova e namorada, a qual vem até às praias de Vigo, em cujas cercanias, parece, morava, na esperança de ver talvez surgir o navio que há de trazer seu amigo. O ato de ir à beira da praia e contemplar o horizonte marítimo é também simbólico. Representa ação, vontade. "A ausência e a separação dos entes queridos move o desejo. E "assim, o desejo e a dor fundidos num só sentimento dão a Saudade." (PASCOAES,1998: p.17)

O mar torna-se neste instante um paradoxo. Contraditoriamente é visto pela mulher como rival, aquele que roubou seu amado, o algoz que atraiu para suas profundezas o seu companheiro. Mas, pela longa permanência na angústia da espera acaba tornando-se, deste mesmo mar, cúmplice, e este torna-se para a mulher, confidente. As lágrimas da espera misturam-se às ondas da partida, numa relação dialética de amor e ódio entre pares.

Olhar para o mar é amargar a dúvida do retorno; contemplar o profundo oceano é aproximar-se do sentimento de perda. A saudade vai tomando o lugar da esperança, a melancolia vai superando a certeza do reencontro. Em todo o texto há sempre presente o sentimento nostálgico da amada frente ao mar que a "ouve", sentimento este também presente na cantiga *San Simiom*, abaixo:

Sedia-m'eu na ermida de San Simiom,
e cercarom-mi as ondas, que grandes som:
eu atendend'o meu amigo!

Estando na ermida ant' o altar,
[e] cercarom-mi as ondas grandes do mar:
eu atendend'o meu amigo
Non hei [i] barqueiro, nem sei remar;
morrerei fremosa no alto mar: eu atendend'o meu amigo!
eu atendend'o meu amigo!

(MENDINHO, séc. XIII)

Na composição de Mendinho, a donzela sobe à Capelinha de S. Simão, um santuário ainda existente num ilhéu da Ria de Vigo, só acessível por terra na maré baixa e, neste santuário, lamenta o seu infortúnio:

Non hei [i] barqueiro, nem remador:
morrerei fremosa no mar maior:
eu atendend'o meu amigo!
eu atendend'o meu amigo!

A posição estática da mulher frente às ondas que a cercam é o claro vislumbre de seu estado de paralisia pela perda do objeto amado. O olhar fixo sobre as ondas revela a melancolia de uma alma tomada pela dor da espera.

O trovador coloca na fala da donzela, desabafos relativos a seus sentimentos amorosos, manifestando seu estado de alma, contudo, de forma passiva: *'non hei barqueiro, nem sei remar'*. Ela não possui condições que lhe permitam navegar, o ir em busca do amado a conduziria à morte. Mas sua morte já é prevista, tendo em vista sua inércia frente ao espaço marítimo. - *"Eu atendendo meu amigo"* - Esta afirmação recursiva reforça a idéia de que a donzela era uma jovem destinada a lamentar saudosamente a separação do homem. Ela não apresenta vida própria, afazeres, ou qualquer outra perspectiva senão a de aguardar. O mar torna-se para ela a metáfora do homem que se foi. Permitir-se ser invadida pelas águas marinhas sem reagir a esta condição é, simbolicamente, encontrar-se com seu amor e ser por ele novamente tomada. Na espera do amigo a mulher se perde em sua saudade. O mar, seu confidente, espaço nostálgico da ausência, torna-se agora seu último porto.

Uma outra canção de amigo de autoria de Paio Gomes Charinho retrata a temática da partida de um navio que vai pelo mar em direção aos campos de batalha. O poema retrata a dor da mulher que manda flores para homenagear seu amado que morreu na guerra e que não retornará.

As frores do meu amigo
briosas vam no navio;
e vam-s' as frores
daqui bem com meus amores:
idas som as frores
daqui bem com meus amores.

Briosas vam no navio
Pêra chegar ao ferido;
e vam-s' as frores
daqui bem meus amores

Briosas vam eno barco
pêra chegar ao fossado
e vam-s' as frores
daqui bem com meus amores

(CHARINHO, séc. XIII)

No trecho acima fica evidente no lirismo da poesia galego-portuguesa a lamúria angustiante da amiga, que mais uma vez dirige-se ao porto, mas sem a esperança do encontro. Essa despedida funesta descrita na cantiga nos remete ao outro lado do oceano para também contemplar na literatura brasileira a descrição das tradições religiosas que ocorrem na Bahia, quando as mulheres enviam barquinhos de papel com velas para os amados ou parentes que morreram no mar. Em ambos os casos, os oceanos tornam-se agora o caminho da morte, o trajeto do luto.

Ainda navegando pelas barcarolas, uma outra cantiga de autoria de Joan Zorro, proveniente da corte de D. Diniz retrata bem a questão do mar como espaço de partida.

El-rei de Portugale
Barcas mandou lavrare
e lá iram nas barcas migo

mia filha e noss' amigo.

Barcas mandou lavrare
e no mar as deitare
e lá iram nas barcas migo
mia filha e noss' amigo
(ZORRO, séc. XIII)

Neste poema se desenvolve o tema da partida do amigo, que embarca à serviço do rei. A presença da barca nova que é lavada representa simbolicamente os preparativos da partida. É perceptível através desta cantiga a rotina visionaria dos reis de Portugal de exploração de lugares desconhecidos através das navegações marítimas. Atravessar os oceanos tornou-se para o homem português mais do que uma aventura ou caminho para as guerras. Tornou-se questão de sobrevivência, tornou-se luta por independência. Sem dúvida estes eram os motivos de tantos afastamentos e exílios.

A literatura portuguesa continuava a cultivar relação estreita com os fatos e feitos oriundos da convivência dos lusitanos com o mar. Os navegantes da produção poética mantiveram o diálogo íntimo com os oceanos nos séculos seguintes... As páginas versadas tornaram-se ainda mais preenchidas pelas impressões nostálgicas provenientes das marés.

No século XV, os europeus tinham um conhecimento muito restrito do mundo. Os pretensos viajantes que teriam chegado às terras longínquas como a Índia e a China eram muito fantasiosos. Foi sem dúvida Portugal o país que notoriamente decidiu arriscar-se em busca de honras, riquezas e glórias da descoberta de outros lugares. "*Por mares nunca dantes navegados*..." Este trecho poético que se tornou uma máxima oficial dos navegadores portugueses sintetiza exatamente a experiência vivenciada. É a sedução irresistível do chamamento do mar. Assim, os oceanos foram revelando seus segredos e inspirando os poetas.

A literatura de viagens é um dos testemunhos mais ricos da relação de Portugal com os

mares. Paisagens, costumes, naufrágios e batalhas tudo é descrito com particular realismo. Entre os relatos dos bastidores das aventuras marítimas estão os que tratam dos sentimentos de saudosismo que enfrentam os navegantes nos longínquos oceanos.

Era chegado o momento dos bravos homens enfrentarem o Mar Tenebroso. *Os Lusíadas* sem dúvida é o registro de uma era, de um sonho de grandeza de Portugal. Uma era em que se podia falar de saudade como um sentimento aliado ao amor, às despedidas na beira do cais, ao som dos sinos na praia do Restelo; à ausência do ser amado. Uma época em que o mar torna-se metáfora das glórias que estavam por vir, mas, principalmente, da separação. O temor que vem e vai pela maré é retratado no quarto canto, versos 88 e 89 de *Os Lusíadas* de Camões (1572):

> Em tão longo caminho e duvidoso
> Por perdidos as gentes nos julgavam
> As mulheres com suspiros que arrancavam
> Mães, esposas, Irmãs, que o temeroso
> Amor mais desconfia, acrescentavam
> A desesperação e frio medo
> De já nos não tornar a ver tão cedo.
> (...)
>
> (CAMÕES,1572)

Retratado por Camões como o herói português que conquistaria o caminho para as Índias, Vasco da Gama, assim como seus companheiros de viagem tinha alma dividida entre o desafio e a derrota: Sedento de reconhecimento e de glória, via no mar o triunfo de suas conquistas e o trajeto de suas perdas. Entre o medo e o desejo, escolheu o sonho, a aventura. A grandiosa expansão marítima de Portugal teve um duro preço. “Deus ao mar o perigo e o abismo deu,/ Mas nele é que se espelhou o céu”./ (PESSOA, 1990). Este trecho de um poema de Fernando Pessoa - grande poeta português - sobre o mar salgado, retrata a rotina dos navegantes que conviviam constantemente com o perigo do desconhecido e da morte.

A partida das naus era precedida por cerimônias religiosas e despedidas. Vários cronistas

e poetas da época retrataram os compreensíveis temores dos embarcados, mas, sobretudo dos familiares que os viam partir. João de Barros chama o Restelo de praia das lágrimas. A saudade se tornou palavra viva e o mar o retrato da ausência. Numa conhecida quadra popular portuguesa, registrou-se a exata realidade do povo lusitano diante das partidas marítimas:

Se fossem pedras as lágrimas,
Que eu por ti tenho chorado,
Já formavam um castelo
No centro do mar salgado.
(Autor desconhecido)

Voltando a Fernando Pessoa encontramos neste poeta de tantos nomes uma tendência quase que natural de escrever sobre o mar e de também enfocar as relações nostálgicas ocasionadas pelas viagens, trabalho, exílio enfim, pelas explorações marítimas.

No poema "*Mar Português"*, um dos 44 poemas que compõe a coletânea "*Mensagem*", o poeta resgata não apenas o consciente coletivo português de exaltação dos heróis que desbravaram os mares desconhecidos como também ressalta o sofrimento dos que ficaram aguardando em terra firme.

Mar salgado, quanto do teu sal
são lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

(PESSOA,1913)

O poema sintetiza em todo o seu contexto o esforço heróico dos portugueses na luta contra o mar e ânsia de lidar com o desconhecido e com a ausência da terra natal e dos familiares

distantes.

No início da primeira estrofe do poema, o adjetivo empregado para o “Mar” é a nítida expressão da intenção do sujeito poético em relacionar o espaço marítimo a sacrifício, sofrimento e dor. Salgado é o termo empregado... Ressalta-se o sabor amargo, difícil do sal que se faz presente nas águas marinhas e nas lágrimas, ainda mais amargas, de sofrimento causado pelos afastamentos, pelas despedidas, pelas ausências dos que se foram a enfrentar os perigos do mar, e, dos que ficaram na praia, por aqueles a esperar.

É pontual ressaltar o modo como a primeira parte inicia-se e encerra-se com uma apóstrofe ao mar, conferindo à estrofe uma espécie de circularidade. Tudo começa e termina no mar. Ida e regresso, dor e conquista; vida e morte; e, principalmente, partida e saudade.

Nas linhas finais da primeira estrofe o poeta mostra através dos sujeitos históricos a dor causada pelo mar. Foi sobretudo nos núcleos familiares que se fizeram sentir os malefícios marinhos, representados pela mãe que perde seu filho, pela noiva que não realizou seu sonho, enfim por todos aqueles que se privaram de seus amados, num ato de resignação e sacrifício em prol das conquistas portuguesas. “para que fosses nosso, ó mar!”.

A segunda estrofe marca o diálogo de Fernando Pessoa com os Lusíadas de Camões. É como se o trecho respondesse às indagações do Velho do Restelo. Vale à pena enfrentar o mar? Vale à pena a dor da saudade? Vale à pena esperar diante da praia? O poeta responde afirmativamente: “*Tudo vale à pena...*”. A afirmação reforça a tentativa do sujeito poético de motivar o povo português a revalidar os sacrifícios heróicos, a relembrar o passado de glórias e conquistas que o mar português proporcionou à nação. Tudo vale a pena para alcançar o ideal sonhado

Finalmente a terceira frase “Deus ao mar o perigo e o abismo deu / mas nele é que espelhou o céu”. O perigo e o abismo do mar são a causa de sofrimentos, mas no sentido

metafórico e simbólico, “o céu se reflectir no mar” representa a realização do sonho. Daqui poderemos deduzir que quem vencer os perigos do mar e o sofrimento alcançará a glória suprema.

Em outro poema da mesma coletânea intitulado “Horizonte”, o poeta escreve sobre a ansiedade do retorno, a nostalgia de quem está no mar e a vontade de contemplar a terra natal:

> O sonho é ver as formas invisíveis
> da distância imprecisa, e, com sensíveis
> movimentos da esp'rança e da vontade,
> buscar na linha fria do horizonte
> a árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte
> os beijos merecidos da Verdade.
>
> (PESSOA,1968)

O sonho de quem partiu é contemplar ainda que distante o seu espaço natural. É interessante o modo como o eu lírico expressa a expectativa e a esperança do regresso. A carga nostálgica do trecho “com sensíveis esperanças do desejo e da vontade / buscar na linha fria do horizonte a árvore, a praia...” retrata o sentimento bucólico descrito a que se referia Camilo Pessanha: A terra natal é o espaço referencial e sempre presente na esperança dos que dela se afastam (PESSANHA, 1924). O mar torna-se nesta relação, o acesso, o caminho de regresso, o elo nostálgico.

Através dos tempos, poetas e poesias, as barcarolas do trovadorismo se fizeram de algum modo presentes na literatura lusitana, numa demonstração contundente de que o mar para Portugal foi e sempre será o teatro de suas façanhas, o berço e o sepulcro de suas glórias, o porto de suas saudades. Como afirmou o escritor Vergílio Ferreira, “Uma língua é o lugar donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites de nosso pensar e sentir. Da minha língua vê-se o mar.” (FERREIRA, 1986).

2.1 DAS BARCAROLAS A CAYMMI

A temática marinha não se prende a um “limite litorâneo”. É na literatura um mote universal, e, como tal, insurgir-se nos distintos oceanos... Nas barcarolas lusitanas o “Mar” foi trazido até nós. A literatura portuguesa dialoga com a literatura brasileira por meio das mesmas marés. Na produção literária brasileira sobre o mar é também percebida a presença da nostalgia como elemento de ligação entre os sujeitos afastados.

O mar das poesias trovadorescas, o mar de Camões, dos navegadores portugueses, o mar de Pessoa é também o mar da Bahia onde Cabral aportou. É o cruel caminho das atrocidades denunciadas por Castro Alves, é o espaço bucólico versado por Gonçalves Dias, é o relato tenebroso do naufrágio nas costas do Maranhão, é o Mar Morto de Jorge Amado e o vivo de Gabriela Cravo e Canela, e é principalmente o mesmo mar dos pescadores, das mulheres e dos amores de Dorival Caymmi. Aventura, exploração, sobrevivência, distração, perdas, conquistas e prisão. Versões diferentes de um mesmo ambiente, contudo, todos os olhares sobre o mar convergem em um único ponto: A saudade.

E se é para falar de saudosismo e de mar, certamente não há poeta brasileiro que se iguale em versos aos de Dorival Caymmi. Compositor, músico e pintor, este artista baiano traz para a produção literária brasileira a riqueza das canções essencialmente populares de beleza e valor cultural singular. Muitas dessas canções são clássicos que moram na memória coletiva e ajudaram a construir a identidade brasileira.

Pela alegria e originalidade, e pela verdade profunda que suas composições sempre parecem revelar, os versos de Caymmi produzem em cada ouvinte efeito às vezes de aparência antagônica: Espanto e familiaridade; Encanto e estranheza, alegria e reflexão. Mas com certeza,

os sentimentos mais presentes ao ler e ouvir Caymmi são, contraditoriamente, encontro e saudade.

Como nas canções trovadorescas, as músicas desse menestrel apresentam ritmo, melodia, forma, expressão gramatical poética, mensagem, simplicidade e, sobretudo harmonia interna. Dorival Caymmi não escreve apenas sobre a praia e o mar... Ele versa sobre a relação do homem com este fenômeno da natureza. Canta a pesca, a atividade do trabalhador que se arrisca diariamente; Narra suas tragédias, perdas e sonhos; escreve sobre os mitos dos oceanos, que atraem os homens do mar com seus encantos e feitiços e, principalmente, escreve sobre os amantes que, separados pelos oceanos, vivem a doce nostalgia da espera.

O verso de Caymmi "É doce morrer no mar", é uma ironia de um cantador de romances.

É doce morrer no mar
Nas ondas verdes do mar
A noite que ele não veio foi
Foi de tristeza prá mim
Saveiro voltou sozinho
Triste noite foi prá mim
Saveiro partiu de noite foi
Madrugada não voltou
O marinheiro bonito
Sereia do mar levou
(CAYMMI, 1954)

Como na costa de Vigo, ou na capela de São Simão, as mulheres nordestinas vivem à beira da praia à espera da jangada de seu homem que tarda a voltar. O oceano para o pescador é seu arrimo, seu bem mais precioso. Há no homem do mar, uma relação de dependência e cumplicidade que nenhum outro lugar é capaz de proporcionar.

Na "cantiga de amigo" do trovador Caymmi, a amiga lamenta a ausência de seu homem. Quem pesca o pescador é o mar que ficou com seu corpo. "O marinheiro bonito / sereia do mar levou..." Há beleza na descrição dessa não-volta do marinheiro... Perder seu amante para a deusa do mar, é de certo modo, um consolo, uma maneira mais encantada, menos dolorosa de lidar com

a tragédia da morte. É melhor crer que seu pescador foi raptado pelo que é fantástico, do que enfrentar a cruel realidade do afogamento. Do afastamento que se torna perene, resta apenas a quem perdeu, a doce lembrança, a nostalgia, único remédio para a dor dos que ficaram.

A crença no maravilhoso, no fantástico, como elemento constituinte do espaço marítimo é descrita em outras composições de Dorival Caymmi:

> Yemanja Odoiá Odoiá
> Rainha do mar
>
> Quem ouve desde menino
> Aprende a acreditar
> Que o vento sopra o destino
> Pelos caminhos do mar
>
> O pescador que conhece
> as historias do lugar
> morre de medo e de vontade
> de encontrar
>
> (CAYMMI, 1946)

Iemanjá é a entidade sobrenatural que os pescadores nordestinos veneram, dando-lhe presentes, oferendas, em troca de sua proteção contras os perigos que enfrentam. Assim como Netuno, Vênus e outros deuses mitológicos, a “sereia do mar” tem interesse pela existência humana e, no oceano, é a detentora de seus destinos, tem o poder de atrair os homens para as profundezas marinhas e estes não a contrariam, temendo perder sua proteção na pescaria. Para a mulher que fica em terra, a deusa torna-se rival, a representação simbólica do espaço oceânico e, portanto, a perfilação da perda, do perigo. Para o homem que está no mar, da deusa torna-se amante, a representação de sua aventura marítima, o “cabo das tormentas” que qualquer navegador teme, mas inexplicavelmente deseja enfrentar.

> Adeus vivo sempre a dizer, adeus
> Adeus, pois não posso esquecer, adeus
> Inda me lembro de um lenço de longe acenando pra min
> Talvez com indiferença sem pena de min
> Adeus quando olho pro mar adeus

(...)

Palavra triste que recorda uma ilusão
Uma tristeza guardo em meu coração
E a saudade pra martirizar no meu peito já veio morar só pra me ver chorar
Ai adeus, ai adeus
(CAYMMI, 1957)

Na canção “Adeus” o compositor narra a rotina dos apaixonados que têm o mar como seu constante divisor. A rotina das constantes despedidas. O adeus é, segundo o sujeito poético, a palavra triste que traça o destino dos homens do mar. E a saudade é o sentimento presente que lembra aos afastados a dor que irão carregar.

Mas Dorival escreveu também sobre os reencontros que o mar proporciona. No trecho da canção “Morena do mar”, o eu lírico expressa a alegria do retorno. A amada que vigia à beira mar ouve o chamamento do amante e contempla a sua certeza do regresso:

Ô morena do mar, sou eu que acabei de chegar
Ô morena do mar
Eu disse que ia voltar
Ai, eu disse que ia chegar,
Cheguei
(CAYMMI,1957)

. A saudade findou... Mas tem início outro tipo de nostalgia... A vontade do pescador de retornar aos oceanos. Essa dualidade de sentimentos é descrita de modo preciso por Caymmi na obra “Bem do mar”. A própria sonoridade melódica e rítmica de tal canção é intencionalmente marcada pelo poeta com o objetivo de levar o ouvinte à beira da praia aonde as ondas vão e vem. Esse movimento marítimo é simbolicamente associado à condição do pescador de permanecer na linha divisória de suas paixões:

O pescador tem dois amor
Um bem na terra, um bem no mar

O bem de terra é aquela que fica
Na beira da praia quando a gente sai

O bem na terra é aquela que chora
Mas faz que não chora quando a gente sai

O bem do mar é o mar, é o mar
Que carrega com a gente
Pra gente pescar
(CAYMMI,1954)

Na canção acima Caymmi pinta a emoção que carrega o trabalhador das águas diante de suas duas paixões: O mar, seu provedor, espaço de suas realizações, plano das atrações míticas, dos desejos de enfrentar o desconhecido, mesmo que isto o leve à morte... O encantamento das águas o puxa para os oceanos, como simbolicamente figura o canto da sereia. E a mulher, sua amada, seu porto terrestre onde o pescador descansa e se alimenta de sua esperança e conforto. Um coração dividido entre dois amores é a constante presença de uma saudade que não cessa. No mar sente a ausência da terra e, nesta, deseja a presença do mar.

A beleza dos oceanos, elemento inspirador de muitas das composições de Dorival, é sentida nas primeiras linhas da canção: *O mar* – composta em 1939 - É o bonito que esconde mistérios, traça destinos de homens e mulheres, guarda a sobrevivência de muitos seres, mas acima de tudo é confidente, acolhe lágrimas, súplicas:

O mar quando quebra na praia
É bonito, é bonito
O mar... pescador quando sai
Nunca sabe se volta, nem sabe se fica
Quanta gente perdeu seus maridos seus filhos
Nas ondas do mar

Pedro vivia da pesca
Saia no barco
Seis horas da tarde
Só vinha na hora do sol raiá
Todos gostavam de Pedro
E mais do que todas
Rosinha de Chica
(...)

O pescador personificado em Pedro simboliza todos aqueles que se destinam por vocação

ou necessidade de sobrevivência a enfrentar os oceanos. Percebe-se uma relação de amor x ódio entre o elemento natural e “Pedro”. É o mar que ele aprendeu a conhecer, a saber onde ir pescar o peixe para o sustento cotidiano, como tirar o sal para temperar e conservar os alimentos, como aproveitar as correntes para se deslocar para outras regiões, é o mar, o “porto seguro” de sua existência.

Rosinha de Chica é “mesma mulher” da *Capela de San Simiom*, aquela que é predestinada a dedicar sua vida à espera do amado. Os amantes não dominam seu destino. Nessa relação há outro elemento determinante. Este pode encantar-se por Pedro, por João ou por Antonio, desconsiderando a súplica das “*Rosinhas*”, e, numa atitude egoísta, prende eternamente para si os amados distantes. A canção continua agora apresentando os sentimentos e a dor de quem fica:

> Pobre Rosinha de Chica
> Que era bonita
> Agora parece
> Que endoideceu
> Vive na beira da praia
> Olhando pras ondas
> Andando rondando
> Dizendo baixinho
> Morreu, morreu, morreu, oh...
> (CAYMMI, 1939)

E agora para sempre, Rosinha manter-se-á como prisioneira do mar, ligada a este pela nostalgia da ausência; serão as águas sua companhia fiel e seu algoz mais cruel... Serão os mares seu ouvinte mais atento e seu inimigo mais presente... Serão os mares sua razão de existir e sua loucura de perder. Ida e vinda, doce e sal, sorrisos e lágrimas, vida e morte, paradoxos que vão e vem como as ondas deste mar.

Nesses versos marinhos e em tantos outros escritos, o poeta Caymmi dialoga sem receios ou incertezas com a tal palavra citada, de origem tão portuguesa. Mas na saudade desse poeta não

há a mesma carga emocional das poesias portuguesas. Ele retira peso da angústia, tensão e dor. A sua nostalgia é suave, bela e doce, como para ele, é o mar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os versos do trovadorismo e das canções de Dorival Caymmi, chega-se à conclusão de que há no diálogo entre lusitanos e brasileiros sobre o mar alguns traços que são distintos.

O português vê o mar como ponte, o espaço mediador entre seus desejos de poder e conquista e os objetos materiais que serão conquistados. Mas tais objetos não estão nas profundezas marinhas. Serão explorados em terra firme no outro lado dos oceanos. Na visão do português, o mar é a passagem. E esta passagem é carregada de tensão, dor, angústia porque o mar torna-se desafio.

O brasileiro vê o mar como o recurso, a fonte natural de sua sobrevivência, lugar de onde serão extraídas suas maiores riquezas. E este recurso é para o navegante brasileiro carregado de beleza, suavidade. O mar salgado dos lusitanos se torna doce na visão dos brasileiros.

Na contemplação de visões tão distintas do mar é encontrado o ponto comum de seu diálogo. Ambas são marcadas pela mesma intensidade de um sentimento: A nostalgia. Este é o elemento de ligação. Sejam os homens do mar lusitanos ou brasileiros; prisioneiros ou exploradores; guerreiros ou pescadores, todos são navegantes, todos são partida, todos são ausência, todos são saudade.

A leitura do mar como elemento nostálgico e como ponto de encontro entre as escritas portuguesa e brasileira foi entendido neste trabalho como um enfoque que não se encerra em si

mesmo. Como na imensidão dos oceanos, há ainda muito a se buscar e a se dizer sobre essa relação saudosista do ser humano com este espaço natural. O mar venturoso que conferiu poder aos portugueses, que é o mesmo mar providente dos pescadores cantados por Caymmi, mostra-se maior do que tudo que possa ser escrito sobre o mesmo, seja em versos, canções ou em artigos científicos.

Navegando neste estudo percebe-se que a literatura de todas as épocas e nações, foi e será ricamente influenciada pelas impressões e expressões construídas a partir da relação do homem com os oceanos. Nadar nestas águas, nos deu a exata dimensão da amplitude de visões e sensações que o mar pode causar em cada indivíduo que dele se aproxima, que dele depende e que com ele se envolve. A nostalgia sem dúvida alguma é a maior de todas as impressões... A dor da partida, a angustiante espera do retorno, a melancólica certeza da perda, são todas as faces de uma lição de humildade: A constatação de que diante dos mares somos e ficamos impotentes. Tornamos-nos coadjuvantes, diante do grande protagonista que dita os destinos de nosso ir e vir.

4. REFERÊNCIAS:

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*,São Paulo, Martim Claret, 2007.

CAYMMI, Stella Teresa Aponte. *O portador inesperado – a obra de Dorival Caymmi (*1938-1958) orientador: Júlio Cesar Valladão Diniz. – Rio de Janeiro:PUC-Rio, Departamento de Letras, 2006.

MARTINS, Mário. *Estudos de Cultura Medieval*, 2 vols., Lisboa: Verbo, 1969, 1972.

MASSAUD, Moisés. *A Literatura Portuguesa,* São Paulo: Cultrix, 1960, 34ª ed., 2005.

FRANCHETI, Paulo. *Nostalgia, Exílio e Melancolia: Leituras de Camilo Pessanha*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

FREUD, Sigmund. *"Luto e Melancolia"*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago,1974.

PASCOAES, Teixeira de. *A Arte de Ser Português*, 5ª ed Lisboa: Assírio e Alvim, 1998.

PESSANHA, Camilo. *Contos, Crônicas, Cartas Escolhidas e Textos de Temática Chinesa*. Organização e notas de Antônio Quadros. Lisboa: Publicações Europa-América,1988.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*, Lisboa: Edições Ática,1967. 8ª ed.,2001.

VIEIRA, Yara Frateschi. *Poesia Medieval: Literatura Portuguesa*, São Paulo: Global, 1987.

SITES PESQUISADOS:

http://www.insite.com.br/art/pessoa/cancioneiro/143.html

http:// www.instituto-camoes.pt/encarte/encarte68z3.htm - 23k

http:// www.portrasdasletras.com.br